

Para além-mar e para além da ortografia: Português Brasileiro e Português Europeu têm comportamentos diferenciados

Jacqueline Sousa Borges de Assis*

Resumo – Este estudo parte da polémica em torno do acordo ortográfico entre os países de Língua Portuguesa, visando mostrar que as diferenças entre as variedades brasileira (PB) e europeia (PE) da Língua ultrapassam as fronteiras da ortografia, com a sugestão de que com o acordo ou não, muito dificilmente as duas variedades, ou línguas, como propõem alguns lingüistas, viriam a se convergir novamente, dadas as mudanças que já se processaram no PB sob influência de fatores histórico-sociais e até geográficos. Buscou-se, assim, à luz de evidências das diferenças de estrutura sintática, mostrar a divergência entre o PB e o PE, as quais se acentuam com o emprego no PB da perífrase inovadora de gerúndio *v.aux. + estar+ -ndo*. O estudo aponta, ainda, que, diferentemente do que se supõe, a perífrase com gerúndio *estar+ -ndo*, usada para marcar o presente progressivo em PB, não se trata de uma inovação em relação a Portugal, mas antes de um caso de conservação do Português Clássico no Brasil.

Palavras-chave: variação e mudança sintática; perífrases com gerúndio e infinitivo.

A polémica em torno da questão da unificação da grafia entre os oito países de Língua Portuguesa continua, após o adiamento da aprovação do Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico por parte do governo português, noticiada em dezembro de 2007.

Além da discussão em torno dos prós e contras da uniformização, o novo acordo tanto apresenta pontos positivos, como o desaparecimento do *ç* e do *þ* mudos em Portugal, quanto negativos, como a supressão do trema, por exemplo, que dificulta a pronúncia de palavras pouco usuais. A queda do acento diferencial também é problema, uma vez que frases como “Uma pistola para Jeca”, do filme

Mazzaroppi, pode ser interpretada como “Uma pistola é oferecida a Jeca” ou “Uma pistola detém Jeca”.

De qualquer forma, é certo que, embora as diferenças entre as duas ortografias não sejam substanciais, dificulta a difusão internacional do Português, na medida em que os documentos dos organismos internacionais que o adotam como língua oficial precisam ser duplicados.

Entretanto, se em Portugal vários setores insurgem contra o “abrasileiramento” do idioma, por questões de afronta à mãe-pátria, e no Brasil muitos especialistas por considerarem a reforma imperfeita, ou tímida, que não mexe adequadamente no essencial, e com alto custo pela queima de milhões de livros, posiciono-me contrária por considerá-la, sobretudo, parcial. E é exatamente sobre esse aspecto que o presente artigo versa.

Mesmo se aprovado, o acordo estaria longe de unificar as variedades da Língua Portuguesa, visto que as diferenças que as separam não se restringem à pronúncia e à ortografia, mas afetam o léxico e a gramática propriamente. Os exemplos (1) e (2) a seguir são elucidativos dessas divergências:

(1) “Sentei-me cá com ele e ficámos a conversar” (Portugal)

(2) “Me sentei aqui com ele e ficamos conversando” (Brasil)

Este artigo se propõe a apontar algumas dessas diferenças gramaticais entre as variedades brasileira (PB) e europeia (PE) da língua, além de dois pontos de vista diferentes: um que aponta para um afastamento da realidade lingüística brasileira da europeia e outro que defende um ponto de vista contrário. O estudo de Tarallo, que está entre os lingüistas que já defendiam a emergência de uma língua brasileira distanciada da lusitana, é tomado como parâmetro.

Um dos aspectos gramaticais em que se pode evidenciar divergência estrutural entre as duas variedades da Língua Portuguesa é quanto ao emprego do gerúndio, cujo uso contemporâneo em perífrases de *v. aux. + estar + -ndo* (infinitivo perifrástico), vem acalorar ainda mais a discussão em torno da formação de uma língua brasileira,

ou variedade: Portanto, a variação entre o infinitivo perifrástico e o infinitivo no Brasil se apresenta hoje como uma das marcas mais evidentes do contraste da variante brasileira da Língua Portuguesa face à europeia.

Mattoso Câmara (1972), ao tecer considerações sobre o Português do Brasil, já assumia que:

A língua está de tal modo ligada à sociedade e à cultura, que a diferenciação cultural e social entre a população europeia e a congênere americana, desde a época em que uma representava a metrópole e a outra a colônia, determinou uma dicotomia lingüística (MATTOSO CÂMARA, 1972, p.81).

Essa discussão é aprofundada por Tarallo (1993a), em artigo em que contrapõe opiniões de lingüistas e filólogos a respeito da emergência de uma língua brasileira em oposição à tradicional portuguesa. Segundo Mattoso Câmara (1976), um dos lingüistas apontados por Tarallo como de posição moderada, as diferenças na língua padrão entre Brasil e Portugal refletem a existência de dois sistemas lingüísticos distintos e geograficamente distantes. Mattoso Câmara aponta ainda que a dimensão geográfica brasileira por si só teria provocado formação e diferenciação dialetal.

Diferenças sintáticas entre PB e PE

Tarallo (1993a) mostra neste seu artigo quatro mudanças sintáticas ocorridas no final do século XIX que evidenciam claras diferenças estruturais da gramática brasileira em relação à portuguesa, suficientes, segundo o autor, para possibilitar uma descrição de seu sistema no sentido de uma gramática brasileira.

A primeira diferença mostrada por Tarallo diz respeito à diminuição no PB de retenção pronominal nos objetos diretos e sintagmas preposicionais, e ao aumento de retenção pronominal nos sujeitos. Em consequência de os sujeitos

terem se tornado lexicalmente mais freqüentes, o sistema abriu espaço para uma interpretação indeterminada da categoria vazia. Por outro lado, em PE, conforme nos apontam os estudos de Galvés (1991), os acusativos ainda são bastante freqüentes e o apagamento do sujeito no PE não o isenta de referência inerente.

Em conseqüência disso, enquanto uma frase como (3):

(3) “Não usa mais saia”

tem no PB uma interpretação indeterminada, *Não se usa mais saia*, no PE é interpretada como tendo um pronome referencial pleno: *Alguém* não usa mais saia.

Tarallo lembra que essa mudança no sistema pronominal está relacionada com uma diferença geral nas duas variantes: o Português Europeu é fortemente marcado por regras de movimento enquanto na modalidade brasileira as regras são geralmente derivadas via apagamento.

A segunda mudança atestada por Tarallo refere-se a estratégias de relativização, quais sejam, estratégia do pronome lembrete e relativa cortadora, que entram na língua em substituição à estratégia *piedpiping*, exemplificadas respectivamente por (4), (5) e (6):

(4) “E um deles foi esse fulano aí, que *eu* nunca tive aula *com ele*.”

(5) “E uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (*com*) ela não fica esquentando a cabeça.”

(6) “E um deles foi esse fulano aí, *com quem* eu nunca tive aula.”

Um estudo diacrônico realizado por Tarallo (1985) aponta que a estratégia com pronome lembrete e a relativa cortadora entram no sistema em substituição à estratégia *piedpiping* por volta de 1880. Tarallo demonstra que estas duas estratégias de relativização são derivadas por apagamento do sistema QU-, o que evidencia o comportamento diferenciado no PB em relação ao PE, uma vez que o PE é

fortemente marcado por regras de movimento.

As duas mudanças apontadas estão claramente encaixadas: a substituição da anáfora zero gerou um novo tipo de relativa, a cortadora.

Uma terceira mudança associada às duas primeiras indica uma mudança da modalidade brasileira como um sistema “*pro-drop*” para “*não pro-drop*”, isto é, uma mudança paramétrica. Como reflexo da reversão sofrida pelo PB em suas estratégias de pronominalização, com sujeitos lexicais e objetos nulos, Tarallo aponta uma maior rigidez no padrão canônico de ordem das palavras em direção a SV, com uma proporção decrescente para sujeitos invertidos.

A quarta mudança, sintaticamente encaixada nas precedentes é no padrão da ordem das palavras em perguntas diretas. Segundo Tarallo, é de se esperar que uma língua que sofre um enrijecimento nas declarativas nivele todos os tipos de estruturas. Tarallo apresenta o estudo de Duarte (1992) que atestou um decréscimo da ordem VS nas perguntas diretas a partir de 1937 na modalidade brasileira.

Tarallo assinala como desencadeador desses novos traços gramaticais circunstâncias sociais especiais ocorridas no Brasil no fim do século XIX que levaram à emergência da noção de cidadania, estabelecendo, como consequência, uma nova gramática radicalmente diferente da modalidade lusitana. Esse estudo constitui uma comprovação do quão importante é o exame dos estados lingüísticos à luz de evidências sociais.

Divergência x convergência entre as duas variedades da língua

Relativamente a esse posicionamento de Tarallo de que a realidade lingüística brasileira caracteriza-se por um afastamento da variedade européia, o estudo de Lucchesi (2001) defende uma proposta contrária. Trata-se da hipótese do processo de descrioulização do PB, como decorrência da influência do modelo culto sobre a fala popular, que aponta para o desaparecimento de marcas dos processos de crioulização e de transmissão lingüística irregular, e conseqüentemente, para uma convergência do PB e do PE. O autor defende a existência de origens crioulas no

Português brasileiro, por influência do contato lingüístico, circunscrita às variedades populares, como responsável por mudanças na formação do Português popular no Brasil.

Entretanto, os fatos de mudanças lingüísticas observadas até então estão circunscritos aos processos de simplificação do sistema morfológico da flexão nominal e verbal. Para os que advogam que o Português popular evoluiu pelo processo normal da deriva lingüística interna, a simplificação morfológica está presente na deriva histórica do Português desde suas origens, com destaque para a perda da flexão causal dos nomes. Naro e Sherre (1993), por exemplo, demonstram que as mudanças que afetaram a concordância no Brasil teriam suas origens em mudanças fonéticas que se teriam iniciado em Portugal, sob a ação das forças de uma deriva românica. De acordo com Mattoso Câmara (1972), a influência das línguas africanas na constituição do PB se resumiria à aceleração de tendências prefiguradas no sistema lingüístico Português.

Tendo em vista que ainda não foram apresentados exemplos de reestruturação original da gramática, Lucchesi admite que tais processos teriam ocorrido de forma marginal e normalmente não lograram uma estabilização na gramática da língua. Portanto, o autor prefere falar em termos de sistemas com características crioulizantes ou semi-croulas.

Não avançaremos na discussão da hipótese crioula do PB, mas entendemos com Tarallo (1993b) que ela não é mais crucial, ou seja, a crioulação pode ser colocada entre os processos de contato lingüístico que ocorreram no Brasil colonial.

A questão que nos interessa aqui diz respeito aos dois diferentes posicionamentos que apontam para divergência de um lado e convergência de outro, entre as duas variantes do Português.

Percebemos que os estudos de Lucchesi que assinalam um processo de descrioulização do PB em direção ao PE dizem respeito a uma aproximação da fala popular em relação à norma culta do PB. Por outro lado, os estudos de Tarallo evidenciam um afastamento do PB do padrão normativo de matiz europeu, ou seja, PE. A nosso ver, os dois autores adotam parâmetros distintos de comparação.

Além disso, ainda que notáveis os resultados das pesquisas que Lucchesi

vem realizando, que evidenciam mudanças em direção aos moldes da norma culta, deve-se ter em conta que as mesmas foram realizadas em comunidades isoladas – sendo que uma de suas análises encontra-se ainda em curso em função da amostra ser restrita – o que não constitui a realidade sócio-lingüística do Brasil.

Assim, por concordar com a proposta de Tarallo (1993a) diante dos estudos apresentados por ele que evidenciam a emergência no Brasil de uma gramática diferente da modalidade lusitana, é que entendemos que um acordo ortográfico não seria suficiente para fazer com que as duas variedades convergissem novamente.

A implementação do infinitivo gerundivo na Língua Portuguesa

Ao se abordar a variação entre o infinitivo perifrástico *estar + -ndo* e o gerundivo *a + infinitivo* que, como mencionado, se apresenta hoje como uma das marcas mais evidentes do contraste da variante européia da Língua Portuguesa face à brasileira, torna-se relevante a identificação de como se processou o encaixamento da variante infinitivo gerundivo na língua.

Em uma abordagem sincrônica, o estudo de Barbosa (1999), que objetivou identificar como se deu esse processo, investiga o Português Clássico no Brasil dos finais do século XVIII, e parte do pressuposto de que a configuração de normas nacionais se estabeleceu – entre outros fatores – na conservação e na inovação de aspectos do Português Clássico, transplantado da Europa para além-mar, ao longo do período colonial.

O trabalho de Barbosa apresenta uma avaliação do estado em que se encontrava a variação entre as estruturas com gerúndio e a forma *a+infinitivo*, objetivando, ao mesmo tempo, contribuir tanto com a discussão dos casos de conservação, quanto de implementação do infinitivo gerundivo na Língua Portuguesa.

O ponto de chegada dessa variação, de acordo com o estudo, foi a mudança em favor do infinitivo gerundivo, em Portugal, e a conservação, no Brasil, da forma com o gerúndio. O estudo mostra ainda que, embora o predomínio do gerúndio

sobre o infinitivo precedido da preposição *a* seja tradicionalmente indicado como um exemplo de conservação quinhentista no Português do Brasil, há controvérsias sobre o tema. Castilho (1992), por exemplo, enumera as características do Português do Brasil e enquadra *estar + -ndo* não dentre os casos de conservação do Português quinhentista, mas dentre os fatos gramaticais que apontariam para um inovadorismo.

Barbosa aponta que, ao que parece, algum fato histórico-social ligado ao fim do vínculo colonial com o Brasil definiu uma aceleração de tendências de mudança latentes ao fim do século XVIII. O autor afirma, com base em fatos histórico-sociais, que a estrutura de gerúndio constitui um caso de conservação no Brasil.

A relevância desse estudo para nós está na identificação da fase inicial de generalização do infinitivo gerundivo, que marca um dos contrastes atuais das variedades europeia e brasileira da Língua Portuguesa, e na constatação de que a perífrase com gerúndio é um caso de conservação e não de inovação do Português do Brasil.

A origem da perífrase “*estar a +infinitivo*” - infinitivo gerundivo - é também abordada por Lipsky (s.d.) em artigo sobre a origem e o desenvolvimento do sistema verbal das línguas crioulas de base portuguesa, que confirma que, nos séculos XVI-XVII, o auxiliar *estar* ainda combinava-se com o gerúndio em perífrases progressivas. O texto mostra que a combinação “moderna” do infinitivo gerundivo *estar a + infinitivo* aparece pela primeira vez nos textos literários do século XIX.

O mesmo ponto de vista é assumido por Mattoso Câmara (1976). Ao tratar das conjugações perifrásticas com gerúndio, o autor observa que este modelo data do latim vulgar, e enquanto no Brasil esta construção conservou-se em toda sua eficiência, o dialeto de Lisboa substituiu-a por uma perífrase com infinitivo.

Assim, consideramos que, conforme proposto em ASSIS (2004), se o infinitivo gerundivo, ao marcar uma ‘inovação’ no PE no final do século XVIII estabelece um dos contrastes mais evidentes entre o PE e o PB, a inovação no PB do infinitivo perifrástico (*v.aux. + estar + -ndo*), como em “*Vou estar analisando a sua proposta*”, vem acentuar este contraste dois séculos mais tarde. Esta sugestão, se correta, vai ao encontro da hipótese de Tarallo (1993a) de que as duas variantes do Português seguem por caminhos divergentes e de que seria muito improvável e

nada natural que o PE e o PB viessem a se encontrar de novo sintaticamente.

Referências

- ASSIS, Jacqueline Sousa Borges de. **Infinitivo Perifrástico em PB e PE: um caso de variação sintática**. Uberlândia: UFU, 2004. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do Português Colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **O Português do Brasil**. In: Linguística românica. São Paulo: Ática, 1992.
- DUARTE, M.E.L. **A perda da ordem V S em interrogativas QU – no Português do Brasil**. DELTA, 1992.
- LIPSKY, John M. **Sobre a origem e o desenvolvimento do sistema verbal das línguas crioulas de base portuguesa**. Universidade Estadual de Pensylvania (EU). s/d. www.personal.psu.edu/faculty/ta-sa-pdf/+infinitivo+gerundivo.
- LUCCHESI, D. **As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000)**. DELTA, 2001
- MATTOSO CÂMARA, J. Jr. **Línguas Européias de Ultramar: o português do Brasil, 1972**. In: Dispersos. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchoa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (apud BARBOSA, 1999).
- MATTOSO CÂMARA, J. Jr. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1976.
- NARO E SHERRE. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. DELTA, 1993.
- TARALLO, F.L. **The filling of gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese**. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamin's Publishing Co., 1985.
- TARALLO, F. L. **Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX**. In: ROBERTS, I. e KATO, M. Português Brasileiro – uma viagem diacrônica. Editora da Unicamp: Campinas, 1993a.

TARALLO, F. L. **Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro**. In: ROBERTS, I. e KATO, M. *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. Editora da Unicamp: Campinas, 1993a.

* **Jacqueline Sousa Borges de Assis** é Mestre em Linguística pela UFU e Revisora de Textos do UNIARAXÁ e do CEFET-MG/Campus IV.

Endereço eletrônico: jacqueline@uniaraxa.edu.br.

Abstract – This study starts on the polemic involving the orthographic accord among the Portuguese language countries, with the aim to show that the differences between the Brazilian (PB) and Europe (PE) language varieties exceed the orthographic frontiers, under the suggestion that with the accord or not, with difficulty the two varieties, or languages, as suggested by some linguists, would converge again, due to the changes that has happened in PB influenced by social-historic and geographic factors. The paper searched, even, based on differences of syntactic structure, shows the divergence between PB and PE, which amplifies with the use in PB of the innovator gerund periphrases *v.aux.* + *estar* + *-ndo*. It even shows that, differently that it is supposed, the periphrases with gerund *estar* + *-ndo*, used to mark the progressive present in PB, aren't an innovation in relation to Portugal, but a case of conservation of Classic Portuguese in Brazil.

Key-words: variety and syntactic change; infinitive and gerund periphrases.
